

MARÉ VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 57 — Preço 3\$50 — 11/8/77

CERCI:

Satisfação pelo passado Confiança no futuro

CERCIESPINHO é um nome que é já do conhecimento de grande parte da população do concelho de Espinho. Trata-se de uma cooperativa que, sem quaisquer fins lucrativos, contando com o trabalho desinteressado daqueles que a criaram, procura, com os relativamente reduzidos meios ao seu alcance, fazer face a um grave problema social: o abandono a que ainda está votada, em geral, a criança deficiente ou débil mental.

A CERCI espinhense começou a delinear-se como ideia há já bastantes meses, mas a sua concretização, fruto do espírito de antes quebrar que torcer dos seus sócios fundadores e do apoio

que o futuro irá colocar. Essa satisfação encontra a sua razão de ser em três motivos principais: por um lado, terem verificado, na prática, a importância da obra que ajudaram a criar, até porque se notam já, em algumas crianças sinais de recuperação; por outro, o corpo de professores e outros colaboradores da cooperativa desenvolveram uma actividade de relevo, e estão, também, eles, satisfeitos com o trabalho feito; finalmente, a resolução dos graves problemas económicos foi sendo possível, sobretudo com o apoio de organismos estatais, como o MEIC, o IFAS, o Gov. Civil e a própria Fundação Calouste Gul-

benkian, além do já mencionado apoio da Câmara. Neste aspecto, e a destoar estranhamente, aparece a actuação do IASE que, pelo menos até ao momento, não substituiu ainda, conforme prometido, as despesas com transportes e com a alimentação. Mas é também com alegria que aqueles que têm dado a seu esforço para erguer a CERCI realçam o apoio recebido da população em geral, incluindo industriais e comerciantes, apoio esse que se traduziu em ofertas em dinheiro e em materiais. Daqui se conclui que é já razoável a sensibilização para esta iniciativa, mas é necessário que o interesse das pessoas venha a ser ainda maior, de forma que as novas etapas de crescimento da cooperativa se possam concretizar.

OS NÚMEROS FALAM POR SI

Conforme já referimos, frequentaram este ano a CERCI 35 crianças apoiadas por 5 professoras do ensino primário, 4 auxiliares de educação, 2 professores de trabalhos manuais, 1 professor de educação física e 1 psicólogo. Esta relação dará já uma ideia do cuidado e atenção dispensados às crianças e das despesas que isto envolve. De facto, segundo cálculos feitos, a despesa média mensal situou-se entre os 200 e os 250 contos, montante sem dúvida elevado mas que se justifica pois este tipo de apoio às crianças fica sempre caro. É claro que as famílias das crianças só muito raramente poderiam pagar,

continua na página 5

CUSTO DE VIDA

Nesta curta série de artigos sobre o autêntico flagelo nacional que é o aumento do custo de vida, apresentamos hoje ao leitor algumas achegas sobre uma questão importante: o melhoramento do nível de vida da população, em especial das classes trabalhadoras, não contribui para agravar a situação económica e financeira do País. Pode até constituir um factor importante para a recuperação económica.

De facto, quando alguns argumentam que o aumento de salários conduz à subida de preços, esquecem que o melhoramento do nível de vida contribui para a expansão do mercado de compra e venda, pois se os trabalhadores dispõem de dinheiro, poderão adquirir mais produtos. Inversamente, com a diminuição do poder de compra da população trabalhadora, diminui o mercado interno e crescem as dificuldades para a indústria, para a agricultura e para o comércio.

Ora, vejamos alguns números: em consequência dos melhoramentos gerais nas condições de vida dos trabalhadores, após o 25 de Abril, a indústria alimentar aumentou a sua produção 13% em 1974 e 27% em 1975. A indústria de confecções, que tantas dificuldades encontrou em exportar produtos após o 25 de Abril, aumentou, mesmo assim, no ano de 1974 a sua produção em 33% em relação a 1973. Mas já no primeiro trimestre

continua na página 4



exemplar da então Comissão Administrativa da Câmara e da actual Câmara Municipal, só se tornou possível, após todo o trabalho de organização, em Janeiro deste ano.

Tem a CERCIESPINHO, pois, 6 meses de vida activa. «Maré Viva», que desde o seu número zero tem procurado acompanhar e divulgar junto dos seus leitores a importância desta obra, entende que é a altura de fazer um balanço deste primeiro período de actividade, um cotejo entre as perspectivas, os sonhos que se faziam e aquilo que veio a ser realidade. Para isso conversámos longamente com alguns dos sócios fundadores da CERCI e dessa conversa surgiu uma imagem da actividade deste ano.

RAZÕES PARA ESTAR SATISFEITO

A primeira ideia que nos transmitiram os nossos interlocutores foi a da sua satisfação perante os resultados obtidos e a confiança que têm face aos trabalhos

Da reunião da Câmara Municipal de Espinho do passado dia 6, destacou-se a decisão referente ao Complexo Desportivo, que tanta tinta tem feito correr. Em análise, o parecer da Repartição Técnica daquela Câmara, por intermédio do seu arquitecto urbanista, sobre os terrenos apresentados como hipótese para a implantação do complexo.

Estavam em causa três terrenos possíveis: um no lugar do Carvalhal, a norte do prolongamento da Rua 19; um segundo, numa zona contígua à actual Carreira de Tiro; um último, no lugar da Guimbra, a norte da Ri-

beira de Silvalde.

Dada a extensão exigida para a implantação do complexo, o arquitecto urbanista deu parecer favorável ao último terreno, no lugar da Guimbra. Nesse parecer, chamava-se a atenção para o facto de o complexo poder ser enquadrado com o futuro Parque da Cidade e da possibilidade daquela zona verde poder ser preservada, com excepção do estritamente necessário para o levantamento das instalações desportivas que a tal obriguem. Era referida igualmente a possibilidade de construção dum parque de estacionamento com uma capaci-

dade que, nas duas outras hipóteses, não seria conseguida.

A Câmara aprovou este parecer, mas decidiu submeter a questão à apreciação da Assembleia Municipal, porventura na sessão a efectuar no próximo dia 19.

Entretanto, e em referência ao futuro Parque de Campismo, foi decidido que a verba de cerca de 11 500 contos da receita da exploração do jogo fosse distribuída do seguinte modo: 5 000 contos para a aquisição do terreno e o restante para o custeamento das primeiras infra-estruturas indispensáveis.

Terreno para complexo desportivo baixa à Assembleia Municipal



NOTÍCIAS

FESTA DE S. PEDRO

RELATÓRIO DE CONTAS

RECEITAS :

| | |
|---------------------|--------------------|
| Rifas | 83.000\$00 |
| Subsídio do Turismo | 40.000\$00 |
| Peditório Público | 83.500\$00 |
| Aluguer de Terrado | 25.000\$00 |
| Of. de Emigrantes | 5.000\$00 |
| Rifas extra | 5.000\$00 |
| Subsídios diversos | 8.000\$00 |
| | 249.500\$00 |

DESPESAS :

| | |
|------------------------|--------------------|
| 2 Bandas de Música | 45.000\$00 |
| Ornamentação | 80.000\$00 |
| 4 Conjuntos Musicais | 25.000\$00 |
| Fogo do ar e artifício | 45.000\$00 |
| Variedades | 26.000\$00 |
| Outras despesas | 15.000\$00 |
| | 236.000\$00 |

O saldo positivo de 13.500\$00 foi entregue à Associação de Moradores de S. Pedro.

Pel'Comissão de Festas
O Secretário
José da Silva Ferreira Neto

COM A BOCA NA BOTIJA

No passado dia 30 de Julho, a polícia de Espinho capturou Albino Mota e Silva, do lugar do Monte — Nogueira da Regedoura, «com a boca na botija», com se costuma dizer.

O detido foi encontrado pelos agentes daquela esquadra, dentro do edifício da Câmara de Espinho, depois de ter vencido (por arrombamento) a porta do lado da rua 20 e furtado alguma quantia em dinheiro do Registo Civil.

Depois de elaborado, o processo foi entregue ao tribunal da Comarca de Espinho.

VALENTE, MESMO

«VALENTE»

Adelino Oliveira Valente, do lugar de Seixo Branco — Ovar, foi detido pela PSP local, por ter agredido a guarda da passagem de nível da rua 23, bem como o seu marido.

A polícia enviou o processo para o tribunal, a fim deste se pronunciar sobre esta «valentia» do senhor Valente.

CONSTRUÇÃO DE CASAS

NA MARINHA VAI A CONCURSO

Na sequência da aprovação pela Assembleia Municipal do projecto de implantação de habitação na Quinta da Marinha, o Fundo de Fomento de Habitação, que levará a cabo a maior parte dessas casas, comunicou à Câmara de Espinho a sua decisão de levar a concurso, no próximo dia 21 de Outubro, a empreitada de construção de 104 habitações naquele terreno.

ENSINO A "DISTÂNCIA"

«Neste mundo competitivo a vitória é de quem tem mais habilitações»

Este é o título de uma brochura que tem andado a ser distribuída de porta em porta e que faz a propaganda de cursos «à distância», de línguas e outros.

No Portugal pós-25 de Abril julgar-se-ia impossível que um tal «slogan» pudesse ser usado, especialmente tratando-se de propagandear cursos de formação técnica e cultural, a que todos os cidadãos têm direito e dos quais deveriam estar cada vez mais próximos e não «à distância».

Na verdade, num país «a caminho do Socialismo» e cujo rumo a Constituição da República Portuguesa aponta, criar-se a imagem de um mundo competitivo (puramente capitalista) para vender cursos é a pura negação do Socialismo que desejamos e votámos. É o corroborar, abusivo e com fins lucrativos, de uma situação que o Povo português deseja banida, pelo voto e pela vontade tantas vezes expressa.

Por outro lado, utilizar a imagem de dois atletas correndo, cada um procurando chegar primeiro que o outro ao tal «mundo competitivo», é um desastroso envolvimento do Desporto em fins com os quais nada tem a ver.

RIFAS DA NASCENTE: OS PRIMEIROS PRÉMIOS

O sorteio da Lotaria Nacional da última quinta-feira, dia 4, ditou a atribuição dos primeiros prémios das rifas da Nascente: um de 1000\$00 para o número que coincide com os três últimos algarismos do primeiro prémio da lotaria e nove de 100\$00 para as terminações das dezenas. Foram números premiados os seguintes:

Com 1000\$00 — 464.

Com 100\$00 — 064; 164; 264; 364; 564; 664; 764; 864; 964.

Desta feita, o prémio maior coube a um anunciante do «Maré Viva», mas dois de 100\$00 não foram distribuídos porque corresponderam a rifas não passadas. Sairam à casa, como se costuma dizer. O que significa que há ainda algumas rifas por distribuir e que, portanto, os sócios e amigos da Nascente ainda estão a tempo de se tornarem candidatos aos prémios das próximas vinte e cinco semanas e ao prémio final de 30 contos. E era uma pena que este viesse também a sair à casa...

farmácias

QUARTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

QUINTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SEXTA - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

SABADO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

DOMINGO - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

SEGUNDA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

TERÇA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

S. Félix da Marinha

continuação da página 3

me-se a um cubículo, com as paredes sujas, três pequenos bancos pintados mas já velhos e umas condições higiénicas que mais lhe conferem um ar de estrebaria. Ao lado, uma divisão mais pequena, em estado ainda mais lamentável, pretende passar por enfermaria.

Entretanto, o médico desloca-se ao posto três vezes por semana e, ao que parece, só atende dez pessoas em cada dia. Acontece por isso que os doentes se vêem obrigados a irem para lá com duas ou mais horas de antecedência, aguentando com as condições da sala de espera que já referimos.

Quando o médico entra em férias, não se arranja uma solução mais simples do que esta: fechar o posto. E quem quiser que vá a um outro posto a uns bons pares de quilómetros de distância.

Enfim, um «posto médico» que não cumpre sequer suficientemente a sua função e que, a continuar assim, correrá o risco de passar a chamar-se simplesmente de «posto», já que de «médico» parece ter mesmo muito pouco.

maré viva

SEMANARIO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

Ana Maria, António Letra, António Santos, Augusto Mota, Eugénio Morais, João Barrosa, José Armindo, José Cruz, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa.

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :
VICTOR SOUSA

Redacção :
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



S. PEDRO

Dia 11, Quinta-feira

«O Bom e os Maus»

Para maiores de 18 anos

Muito na linha dos filmes que Claude Lelouch nos tem apresentado com um colorido muito «bonitinho» e as personagens quase sempre muito «queridinhas», esta película não aquece nem arrefece. Dispensável.

Dia 12, Sexta-feira

«A Iniciação de Flossie»

Para maiores de 18 anos

Filme sueco que se consegue aproximar muito do estilo quase supremo da pornografia: o «hard-core». Pelos objectivos muito directos, a que se destina, apenas nos resta dizer, a quem o for ver, que é limitado o seu interesse.

Dia 13, Sábado

«A Última Mulher»

Para maiores de 18 anos

Tendo como intérprete masculino uma das mais notáveis revelações do momento, Gerard Depardieu, esta recente obra de Marco Ferreri fala-nos das difíceis relações de um casal. Consideramo-lo aconselhável, embora haja a registar que o trabalho daquele realizador ficou aquém das suas vastas possibilidades.

Dia 14, Domingo

«Amor Violento»

Para Maiores de 18 anos

Não encontrando nós a mínima razão para a programação desta fita para tal dia da semana, cumpre-nos apenas referir que por ser tão banal e sem qualquer interesse, nem comercial chega a ser. Critérios.

Dia 15, Segunda-feira

«O Sexto Continente»

Para maiores de 13 anos

Baseado no romance de Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan, este filme de aventuras narra-nos uma curiosa história de ficção na qual a tão falada Atlântida torna a ser motivo de referência. Aceitável pela sua limitada pretensão.

Dia 16, Terça-feira

«Uma Odisseia Submarina»

Para maiores de 10 anos

Outro filme de ficção para o qual chamamos a particular atenção do público juvenil.

Dia 17, Quarta-feira

«O Homem Que Quería Ser Rei»

Para maiores de 13 anos

O grande mestre do cinema americano, John Huston, tratando a temática da ambição e das suas nefastas consequências, proporciona-nos neste filme um trabalho de direcção de actores que, não sendo brilhante, é digno de ser apreciado. A ver.

CASINO

Dia 11, Quinta-feira

«Sexo Louco»

Para maiores de 18 anos

Vários «sketchs» abordando sempre o mesmo tema: o sexo e suas diversas motivações, é o que compõe este divertido filme de Dino Risi e que conta com o concurso do casal de actores italianos mais em voga nos tempos presentes, Giancarlo Gianinni e Laura Antonelli. Quanto a nós com todo o mérito.

Dia 12, Sexta-feira

«Os Malucos em Espanha»

Para maiores de 10 anos

Exemplo perfeito da piada cretina é o que estes Charlots nos têm apresentado ao longo da sua já considerável série de produções e para as quais adivinhamos continuação. A não ser que o bom senso do público lhes venha a manifestar desinteresse por género tão rebaixado de humor. A desprezar.

Dia 13, Sábado

«O Direito de Nascer»

Para maiores de 14 anos

Reposição, agora em colorido, daquilo que consideramos como um dos exemplos mais flagrantes da historieta de cordel que abordando um tema bastante sério — o drama da mãe solteira — mais não faz do que conduzir o público para a complacência plegas e choramingas de tão grave problema, fazendo por outro lado por ignorar toda a complexidade de antecedentes sociais em que tal questão continua ainda a assentar.

Dia 14, Domingo

«Sonhos Húmidos»

Para maiores de 18 anos

A visão do sexo por mais de dez realizadores que, através de curtas-metragens, nos apresentam as suas mais diversas interpretações, é a matéria desta produção conjunta de vários países. Não sendo de a elogiar, resta-nos destacar a presença do veterano Nicolas Ray, que de certa forma nos surpreende nestas andanças.

Dia 15, Segunda-feira

«Não Sou Digno de Ti»

Para maiores de 13 anos

Nisso estamos de acordo!

Dia 17, Quarta-feira

«Adolescência Pervertida»

Para maiores de 18 anos

José Benazéraf que, ao que supomos, em tempos foi um dos animadores de revista «Cahiers du Cinema», deve ter posto de lado certamente a «intelectualidade» sofisticada e vem agora a terreiro com a pornografia barata, mas à qual não deixa de acrescentar uma mistela de política para que a salgadeira seja completa. Acreditem, é de abominar.

GUETIM

Há terreno para a Solverde construir

Foi a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Guetim quem primeiro diligenciou para que naquela freguesia fossem reunidas as condições para que a Solverde ali cumprisse as suas obrigações quanto à construção de habitações sociais, no valor de cerca de 1.300 contos. E reunir condições significava propor terrenos para a Solverde construir.

Debruçando-se sobre a questão, a C. A. convocou reuniões da população, em Fevereiro de 1976, de que resultaram a apresentação de cinco sugestões de terrenos que foram indicados à Câmara de Espinho. Aproveitando o impasse que entretanto se criou à volta das habitações sociais da Solverde, a C. A. não ficou simples-

aprovou por unanimidade como sugestão apresentar à Solverde. A Solverde, e não à Câmara, como havia ficado decidido em reunião conjunta das Juntas de Freguesia do Conselho, da Câmara e da Solverde.

Da permuta estudada, resultava que todos os quatro proprietários em causa beneficiados, não em termos de área, mas em termos de possibilidade de construção, pois que, como o da Junta, todos os terrenos envolvidos são em forma de tira.

Pois esta última proposta que mereceu melhor atenção da Solverde, já que permitirá, depois da permuta, com que a Junta disponha de terreno para construir cinco habitações.

Constituiu-se assim uma Comissão formada por um elemento da Junta de Freguesia, um da Câmara e outro da Solverde para contactarem os proprietários e obterem o seu acordo. O que foi conseguido, com excepção de um que não concordou. Foi-lhe dado um prazo de duas semanas para apresentar uma contraproposta, após o que, se não houvesse resposta, a Solverde iniciaria o necessário processo de expropriação. O prazo expirou mesmo no passado dia 30, e daí que a Junta de Freguesia de Guetim nos tenha confiado que a Solverde deveria estar já a conduzir a expropriação, para que as construções se possam fazer no prazo mais curto possível.

Assim sendo, a quantia a gastar pela Solverde nas construções resultará da dedução (pouco elevada, espera-se) que a despesa com a expropriação exercerá nos 1.300 contos. Soma que, convenhamos, mal chegará para as cinco construções em vista e que a inflação vai tornando cada vez mais reduzida, o que já veio acontecendo desde 1976, data em que a Solverde, pelo contrato, deveria ter iniciado as obras. Daí que se compreenda a preocupação da Junta de Guetim para que a coisa agora ande, e ande depressa.



mente à espera.

Tendo surgido entretanto um terreno que passou a pertencer à Junta de Freguesia (o único nessas circunstâncias) a C. A. começou por estudar esta nova possibilidade no sentido de aproveitar esse terreno.

Entretanto, com a posse da nova Junta de Freguesia, o problema foi reexaminado e a solução mais viável pareceu ser a de se fazer permuta como os proprietários dos terrenos vizinhos, já que o terreno da Junta (com 100 metros de comprimento e 2 metros de largura, não era possível de qualquer construção.

Esta proposta foi apresentada em Fevereiro do corrente ano, à Assembleia de Freguesia que o

S. Félix da Marinha

Um Posto (pouco) Médico

No lugar do Monte, existe um posto médico bastante procurado da Associação de Socorros Mútuos de Serzedo. O acesso a este posto é conseguido por meio duma quotização mensal de 10\$00, que confere, entre outros serviços, o direito a consulta gratuita. Seria pois de acarinharmos a manutenção e o apetrechamento conveniente deste posto, já que se trata do único serviço clínico de que uma

larga população da zona poderá dispor com mais facilidade. Mas parece que não é bem isso que se passa.

Na verdade, a situação é bem diferente e mesmo lamentável. A começar pelas instalações. O aspecto em que se encontra o consultório é deveras inquietante. À entrada as ervas daninhas confundem-se com papéis e outro lixo. A sala de espera resu-

continua na página 2

COLABORE:
DIVULGUE E CRITIQUE O MARÉ VIVA

Exploração ao domicílio

— um processo diferente

Talvez não seja revelação para muitos. E para outros talvez seja. O trabalho em casa por conta de outrem não será pelo menos novidade para os que sabem o que se passa com a confecção de bordados nos Açores e na Madeira. Aí, a situação das bordadeiras que trabalham em casa para as empresas destes arquipélagos está perfeitamente legalizada. Discutível ou não este processo nas relações de trabalho, a verdade é que essas bordadeiras têm, em princípio, as regalias dos trabalhadores das empresas, com descontos para a Previdência e todas as outras obrigações do patronato, que permitem que a segurança no seu trabalho, o auxílio na doença, as férias, a reforma, sejam regalias que, pelo menos legalmente, lhes estão asseguradas.

É uma prática já tradicional na indústria ligada ao artesanato e passa-se coisa semelhante, em menor escala talvez, na confecção de tapetes de Arraiolos.

A MODA PEGOU...

Mas pelos vistos a moda pegou noutros sectores da indústria, nada artesanais. E de um outro caso mais ou menos isolado, o oportunismo do patronato tem generalizado esta prática, descobrindo assim um novo processo de exploração que lhe permite fugir a todas as obrigações que a actual legislação lhe impõe em relação a seus assalariados. E desta feita, ao contrário do que acontece nos bordados, a segurança do trabalho e todas as outras regalias são atropeladas, graças à falta de fiscalização, ao alto índice de desemprego e à habilidade dos empresários.

Fomos alertados para esta situação e estivemos em casa du-

ma das pessoas que faz esse trabalho em casa. A conversa que ali tivemos levou-nos também à Repartição de Finanças em Espinho. Estes contactos permitiram-nos recolher alguns dados sobre o assunto, mas sem que conseguíssemos levar esta análise à profundidade que desejaríamos. Ficámos no entanto com algumas ideias suficientes para abordarmos a questão. Pena é que não possamos adiantar casos concretos, nem nomear empresas que utilizam este processo, pois poderíamos colocar em perigo o pequeno, mas importante auxílio que esta forma de trabalho representa para a economia familiar do nosso entrevistado, e porventura, de outros no mesmo caso.

Pois o trabalho ao domicílio tem-se generalizado por inúmeras de algumas empresas (há casos de empresas com capital estrangeiro) que entregam tarefas de grande série e quase exclusivamente manuais a pessoas a isso dispostas. Em muitos casos, são os próprios operários que pedem esse trabalho numa tentativa de arranjar processo de fazer face ao custo de vida que o seu salário, só por si, não seria capaz de suportar. A própria empresa fornece muitas vezes uma máquina rudimentar necessária para esse trabalho e vai entregando remessas de alguns milhares de pequenas peças, que são pagas por contrato verbal e em função do número de peças trabalhadas. Estes trabalhos são do tipo mais diverso, desde a aplicação de parafusos, a execução de pequenos furos, a justa posição de pares de peças, etc.

Se é certo que existem pequenas fabriquetas clandestinas, em que há um subpatrão que tem os seus operários em casa, colaborando assim com a empresa-mãe, o



TRABALHO

que acontece mais geralmente é o trabalho ser entregue à mulher, aos filhos e a outros familiares dos operários.

E a empresa-mãe ganha assim por vários lados: maior produção, pois essas pessoas chegam a trabalhar dezasseis horas por dia; trabalho mais barato, com economia em relação ao salário mínimo que teria de pagar a um operário que fizesse esse trabalho; fuga ao pagamento dos encargos inerentes a todos os assalariados.

Em contrapartida, esses trabalhadores no domicílio trabalham mais, ganham menos e não têm qualquer garantia: nem férias, nem seguro, nem possibilidades de reforma e estão sujeitos a que, dum dia para o outro, a empresa lhes negue a entrega dessas tarefas.

HABILIDADE TRANSFORMA EXPLORADOS EM "INDUSTRIAIS"

Entretanto, a capa legal para esta sobreexploração começa a desenhar-se: essas famílias têm ultimamente recebido instruções das empresas para se declararem na Repartição de Finanças como «Industriais do Tipo C». E isto talvez porque as empresas tenham de justificar a saída do dinheiro que é pago por este tipo de trabalho. Claro que a Repartição de Finanças é apenas uma

entidade fiscal limitando-se a registar essa declaração e a colectar estes «industriais» no imposto que a lei prescreve.

Mas não nos parece que esta cobertura legal possa servir e por várias razões. Em primeiro lugar, porque essas famílias desenvolvem um trabalho que, na maior parte dos casos, não pode ser considerado como de transformação e logo industrial; depois, porque há na verdade uma ligação com uma única empresa e não com várias como é norma de qualquer actividade industrial; finalmente, porque a maioria dos contratos colectivos de trabalho não permitem este estado de coisas: uns prevêem o trabalho ao domicílio (como nos bordados), mas obrigam a que o patronato pague todos os encargos devidos a um assalariado; outros proibem-no, para e simplesmente.

A situação parece que não pode ser de facto legalizada com este habilidoso processo de transformar pessoas exploradas em «industriais». Mas mesmo que este ou outro artifício servisse para regularizar esta prática, isso só serviria para provar que há um grande furo a tapar na legislação do trabalho. E haverá, também, isso é certo, muito a fazer no capítulo da fiscalização, para que a «arte» da exploração não continue a prosperar, aproveitando esta e outras vias que o engenho lhes descubra.

Custo de Vida

continuação da página 1

deste ano a indústria de alimentação registou uma baixa de produção de 6,6%, precisamente porque, devido à congelação de salários e ao aumento de preços, o poder de compra dos trabalhadores tem diminuído.

No sentido de esclarecer e confirmar estas ideias, decidimos recolher depoimentos de alguns comerciantes dos sectores mais afectados pela subida de preços, ou onde esta se reflecte mais na vida dos trabalhadores. Começamos por ouvir o sr. Manuel Monteiro da Silva, merceiro na zona sul da cidade que nos afirmou:

«No ano de 75 notou-se um sensível aumento no volume das vendas que reflectia precisamente a subida do nível de vida dos trabalhadores. Porém nos finais de 76 princípios de 77, a situação alterou-se. Os produtos começaram a subir, alguns deles começaram a faltar e as pessoas começaram a comprar menos. O aumento de preços afecta muitos produtos que podemos considerar de primeira necessidade, o que fez com que fosse particularmente notado. Esta

situação atingiu tais proporções que a dona de casa vê-se impossibilitada de planear as suas compras uma vez que alguns produtos sobem semanalmente e os ordenados acabam por não chegar.

A solução destes problemas não é fácil. São problemas de fundo, directamente provocados pelo sistema social em que vivemos, só ultrapassáveis com a própria alteração do sistema.

O depoimento de um outro comerciante; proprietário de uma mercearia do norte da cidade veio, de um modo geral, confirmar estas ideias:

«Contrariamente ao que as pessoas julgam, a responsabilidade do aumento do custo de vida não cabe aos comerciantes. O problema é complexo e vem muito de trás. Os comerciantes acabam por ser também afectados porque as pessoas compram menos e eles vêm o seu negócio diminuído. Tem-se notado de facto uma baixa de vendas mesmo nos produtos mais necessários».

Ouvimos em seguida um outro

sector ligado à alimentação. Falamos com o sr. Abílio Loureiro, talhante:

«Há menos procura de carne que nos anos anteriores, devido ao facto de a actual tabela de preços ser muito elevada. Basta consultar o livro de compras e vendas para se notar o decréscimo: praticamente o movimento desceu para metade. Quem adquiria um quilo, agora só leva meio. No ano passado matava dois bois por semana e agora só vendo meio. Que quer que lhe diga mais?».

Colhemos o depoimento de uma dona de casa, a sr.ª Rosa Sabença, que se abastecia de carne e que gentilmente nos disse:

«Agora, não podemos consumir o mesmo que há um ano atrás, toda a gente o diz. Há dois anos, com 250\$00 eu servia-me de carne para toda a semana. Agora gasto o mesmo dinheiro num quilo de bife. Subiu tudo e os ordenados já não estão equiparados».

Outro sector importante é a indústria de confecções. Contactamos pessoas que trabalham em

duas lojas centrais de Espinho. Falamos com a sr.ª Elisabete, empregada na «Minipreço».

«Isto agora não tem comparação, é uma miséria. Há uns tempos o negócio era muito maior. No verão era mesmo necessário meter mais empregadas. Os próprios viajantes se queixam de que já não têm tanta facilidade em colocar os produtos que vendem. Está tudo mais caro e as pessoas não têm dinheiro que chegue».

Falamos também com o sr. Joaquim Carvalho, empregado na casa «Iglésias», que nos disse:

«Isto agora é uma tristeza, já não há praticamente turistas. Mesmo no verão 90% dos clientes são cá do burgo».

Nota-se que as pessoas têm mais dinheiro, mas ultimamente com o aumento dos preços, a coisa está muito pior».

Perguntamos: até quando este estado de coisas? Para quando salários e preços que permitam uma vida digna a todos os trabalhadores? Para quando as tais medidas de fundo a que neste capítulo, a Constituição obriga?

CERCIESPINHO

Continuação da página 1

e de facto pode dizer-se que os cuidados com as crianças que frequentaram a CERCIE foram praticamente gratuitos, já que apenas alguns pagaram mensalidades da ordem dos 200 ou 300 escudos, havendo só um caso em que a família paga 1.000 escudos. Isto é tanto mais importante quanto é certo que as crianças que necessitam deste tipo de apoio provêm, em geral, de meios económicos e socialmente desfavorecidos, pois é aí que se manifestam mais algumas das causas da debilidade infantil: deficiente alimentação, maus cuidados pré-natais, alcoolismo.

MELHORAR AS INSTALAÇÕES.

Entretanto, os dinâmicos elementos que têm feito a CERCIE avançar fazem notar a existência de uma grande lista de espera, de crianças que até agora não foi possível aceitar por falta de capacidade para as receber todas. Num trabalho inicial, de levantamento, a nível concelhio, de crianças deficientes e débeis mentais, foi detectado um número superior a 100, e isto uma primeira abordagem, e a CERCIE, além

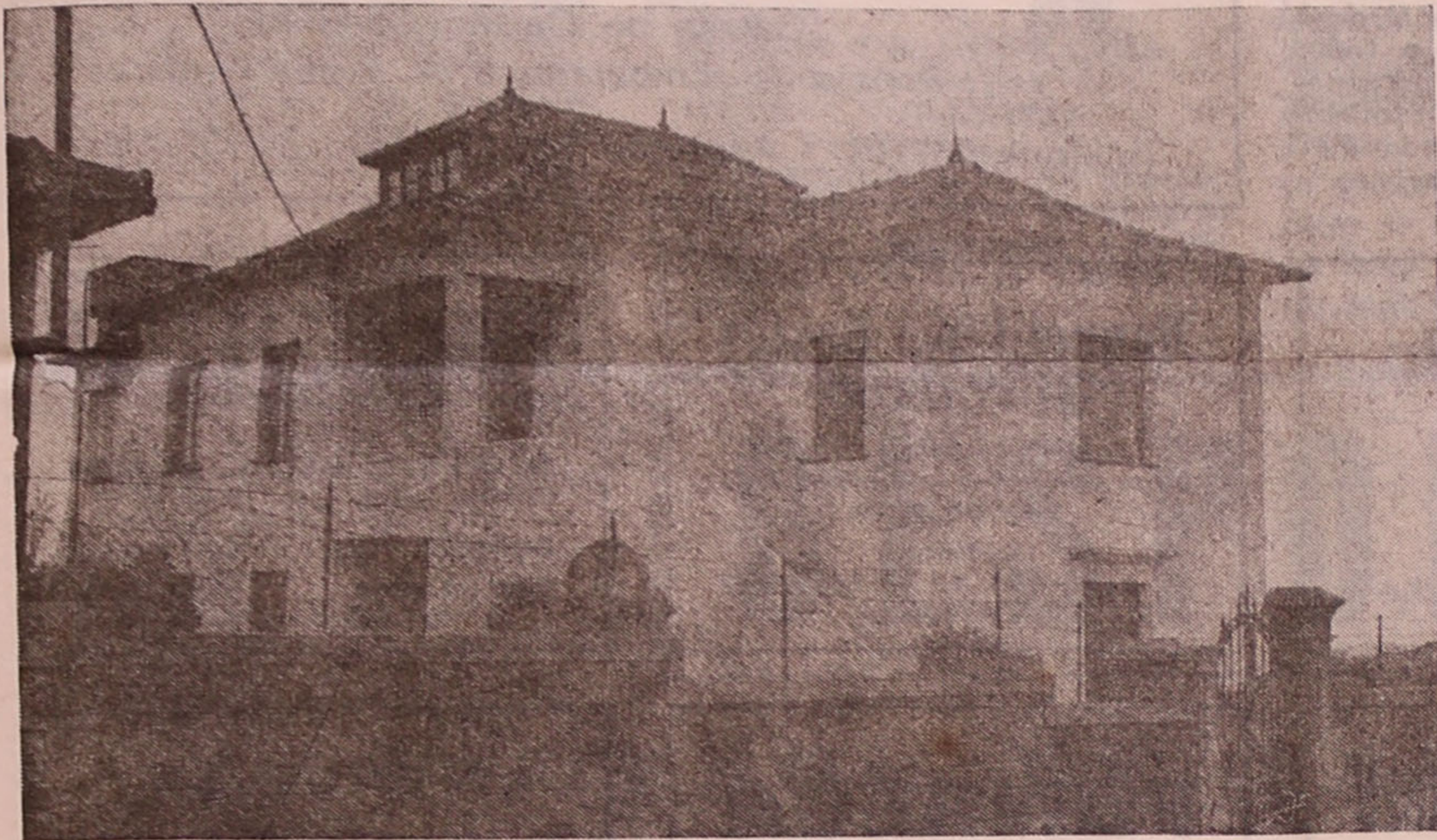
etc.). Está feito, pois, o projecto, existe a necessária disposição de luta para avançar para as novas etapas... faltam as verbas. Qualquer coisa como 1.000 contos, o que, sendo um problema, não preocupa demasiadamente os autores da iniciativa, certos como estão de que a obra já existente que se pretende melhorar justifica plenamente o apoio oficial e até os sempre importantes contribuintes particulares. E os sócios da CERCIE são apenas cerca de 300 neste momento, pagando uma quota mínima de 20\$00...

A IMPORTANCIA DA INTEGRAÇÃO SOCIAL

Como já foi referido, os problemas que afectam as crianças que frequentam a CERCIE exigem um apoio e ensino bastante individualizados, de forma a que a criança consiga ultrapassar algumas das suas deficiências. É por isso que para cada grupo de 8 crianças há uma professora e uma auxiliar de educação. De qualquer forma, e de acordo com o que nos foi dito, a concepção que os responsáveis têm acerca do papel que cabe à CERCIE é que esse papel

De que ficou escrito terá surgido uma imagem da importância do trabalho da CERCIE. Vê-se também claramente as boas hipóteses que se abrem para o futuro principalmente graças ao esforço de alguns que nem precisaram de ter em casa crianças deficientes para se empenharem na construção de uma obra de que o concelho de Espinho tanto precisa. São muitas as crianças que ainda esperam. Outras continuarão a nascer, desde logo marcadas, por culpa das deficientes condições sócio-económicas dos pais, da falta de um apoio eficaz no período de gestação, de uma alimentação sem qualidade, da falta de higiene de quem não sabe e de quem pode, enfim, de tantas coisas que continuam a dividir as nossas crianças logo à nascença e, até, antes de nascerem.

Por tudo isso, a ajuda à CERCIE é importante porque enquanto não se extinguirem as raízes do mal há que cuidar dos frutos que dele nascem. O arranque da CERCIE foi um desafio feito por meia dúzia de esforçados, a continuação e o gradual crescimento terão de contar com o apoio de todos.



São
precisos
mil contos
para
melhorar
as
instalações
da
CERCIE

de não poder aceitar todas, teve de limitar a aceitação às crianças cujos casos não fossem muito graves, uma vez que para tais casos não poderiam encontrar resposta na CERCIE. De salientar o extraordinário trabalho do Dispensário de Higiene Mental Infantil de Vilar, que fez um estudo prévio sobre cada criança.

Portanto, verifica-se que há, por um lado, necessidade imperiosa de criar condições que permitam a entrada de mais crianças e, por outra, constata-se o elevado montante das despesas médias mensais. Assim sendo, os sócios fundadores pensam que se deve proceder ao alargamento das instalações, o que daria entrada a mais crianças, vindo logicamente diminuir, em média, a despesa com cada uma, já que o apoio a 50 crianças não viria, certamente, implicar um grande aumento nas despesas. Tencionam iniciar as actividades, em Setembro, já com 50 crianças, alargando esse número a 70 por altura do Natal.

Para isso dispõem já de um projecto para alargamento das instalações, que prevê a construção de um ginásio, um refeitório e 7 salas de trabalhos officinais (carpintaria, laboratório, costura,

não se esgota nos limites estreitos da formação escolar, até porque são de opinião que, mesmo que as crianças não consigam resultados satisfatórios a nível escolar, existe um largo campo de formação para-profissional em que poderão progredir. Daí, a grande importância que reveste a construção das 7 salas de trabalhos officinais.

Mas uma questão central é que atinjam as crianças bons resultados escolares e profissionais, ou não, o certo é que a comunidade tem uma grande responsabilidade sobre a sua evolução futura. A CERCIE é um local de passagem de onde as crianças terão que transitar para a vida no ambiente normal do meio em que vivem. É muito importante que esse meio as não rejeite, como «malucos ou incapazes». A integração social destas crianças deixa de ser obra da CERCIE e passa a ser da responsabilidade de todos, daqueles que com elas vierem a contactar no dia a dia, daqueles que lhe poderão dar uma sensação de confiança ao fornecerem-lhes emprego. De outra forma, com a marginalização, todo o trabalho esforçado da CERCIE se perderia.

DEPOIMENTO DOS PROFESSORES

Todos os professores que aqui estão, vieram por sentirem precisamente a necessidade de uma obra destas. São professores efectivos que, por isso, teriam colocação assegurada nas escolas do ensino normal e que preferiram este tipo de trabalho. Uma das coisas que nos chamou a atenção para este problema foi o facto de encontrarmos, nos locais onde davamos aulas, muitas crianças com problemas de aprendizagem, deficientes mentais, alguns até bastante profundos.

As crianças que vêm para aqui, e isto após um estudo, do seu problema, são integradas em três classes: sensorial, pré-escolar e escolar. Na classe sensorial pretende-se desenvolver a coordenação dos movimentos das crianças, o seu aparelho visual, com a identificação de cores por exemplo, e, por outro lado, o conhecimento da família e do seu meio mais chegado. Na classe escolar, equivalente talvez à 1.ª classe do ensino normal, inicia-se já a alfabetização, a um ritmo muito lento como é evidente. A classe pré-escolar pretende ser uma classe intermédia. Quanto aos métodos que utilizamos, pois como este ensino tem forçosamente de ser muito individualizado, cada criança tem o seu método próprio de aprendizagem. Obtivemos resultados francamente bons se atendermos ao tempo em que as crianças aqui estiveram e se estivermos conscientes de que não podemos esperar milagres.

O trabalho do ano que vem irá ser planeado em Setembro. Pensamos introduzir algumas novidades, aliás, até já temos uma e que se liga com o estudo das crianças, que anteriormente era feito no Vilar e agora fazemo-lo nós aqui com a ajuda de um psicólogo.

OUVINDO UM PAI

Posso afirmar que as melhoras da minha filha foram muito boas desde que veio para aqui. Já consegue articular muito melhor as palavras, desenvolveu-se fisicamente e está muito esprevidada.

Um dos problemas que eu sinto existir aqui, é o da participação dos pais. As pessoas têm de convencer-se que não ficam privadas das suas responsabilidades de pai pelo facto de terem os seus filhos na Cerci. Se os pais se preocuparem com isto, dessem a sua

participação naquilo que pudessem, com certeza que tudo seria melhor.

Outro problema, vulgar nestas coisas, é o das verbas. O auxílio que temos já não é muito mau. Mas se nos lembrarmos que se gasta tanto dinheiro ali na zona da praia em coisas de menor importância... Também a população deveria colaborar, quer na angariação de sócios, quer nas campanhas de recolha de fundos que costumamos efectuar.



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em caladinhos - raivinhas - fogaças (fabrico diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

TEATRO

Algumas impressões

de artimanhas, de palavras difíceis, de rasgos de pseudo-cultura. A sua vida é divertir os abastados senhores da região com os seus confusos conhecimentos e, em troca, encher o estômago com opiparos manjares. O seu ganhão é a aparente sapiência. Com ela sobrevive, até que um dia, por certo memorável, individualidades como o sr. Tsai e o sr. Chiao deixam de precisar dele para se manterem no poder. E calcam-no, desprezam-no porque os seus serviços não passam de meras inutilidades. E Wu está condenado, os tempos da velha sra. Chiao terminaram.

«Os Chiao's e Tsai's não durarão muito mais. Subvertem os ritos, os costumes, que conseguiram manter durante séculos a sua dominação. O «honorável senhor» passará a chamar-se «patrão».

Os caminhos de pedra e lama fazem nascer um novo rei, de pés descalços». (in. programa que acompanha a visão da peça).

E esta versão de «Berliner Ensemble», produto do talento de B. Brecht, encenada pelos jovens espinhenses, consegue-nos mostrar

a dialéctica, a evolução da história. Da demonstração eficiente desta mudança, relativamente acessível à maioria do público, reside a importância fundamentalmente deste espectáculo. Importante, também, porque é feita em Espinho, porque resistiu aos constantes ataques dos «puríssimos» defensores da «neutra» cultura, porque prova ser a qualidade, não uma utopia, mas algo palpável, real. E, apesar das dificuldades, estes jovens não param. Apesar de estarem sujeitos, num dia destes, a ficarem sem a Casa da Cultura, organismo do F.A.O.J. e do M.E.I.C., onde conseguem trabalhar, apesar de verem os organismos estatais num inadmissível mutismo, não param! E, nós também não podemos parar, sem procurar soluções que resolvam os problemas de mais este ramo da Cooperativa «Nascente». Porque ele é uma demonstração que a cultura, acessível a todos e, não só a «divinas» personagens é possível. Possível também em Espinho. Possível desde que, seja esse o nosso desejo!

Continuação da página 8



Falam os intérpretes

Continuação da página 8

«Considero que comecei a aprender a viver desde que trabalho assim em grupo. Antes participava na construção da cenografia, mas tive curiosidade de saber o que estava para além do que eu fazia. Foi um trabalho muito valioso, enriqueceu-nos muito no aspecto pessoal, apercebemo-nos da vivência quotidiana das pessoas, ganhamos uma perspectiva mais clara da sociedade, descobrimos em nós próprios certas faculdades. Não pensava ser capaz de representar, tinha medo de não decorar, mas o actor vive situações e são estas situações que o levam a dizer o texto, a memória é secundária.

Antes do 25 de Abril não tinha conhecimento da existência dum grupo destes, sentia a necessidade de participar, achava a vida insípida, sem a juventude participar na vida em sociedade. Depois do 25 de Abril vi que a juventude pode e deve participar, tendo que fazer valer o seu direito, não parar, atingir maior nível no trabalho que realiza e contribuir para que a participação aumente, pois actividades deste género são fundamentais na criação duma vida sadia, possibilitando, até, a eliminação dos próprios hospitais psiquiátricos».

(José Bessa, trabalhador-estudante)

FÁBRICA DA BRASILEIRA



Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

Empresa Gráfica de Seixezelo

Cardoso & Valentim, Lda.

Apartado 18

Seixezelo

Argoncilhe

Manuel Lima Bastos

ADVOGADO

Escritórios:

Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência:

Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

Almeida Santos

ADVOGADO

Escritórios:

Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314
Horário — às 2.ªs — Todo o dia,
4.ªs e 6.ªs — de manhã

ESPINHO (Junto ao Café Parque)

VILA DA FEIRA Telef. 96251
(Junto às Escadas do Convento)

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

R. 20 n.º 520-1.º - Tel. 921014

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

VENDE-SE

Em Espinho, terreno com
2 pequenas casas, na Rua
21 n.º 848 e 856, com
cerca de 750m², contactar
pelo telefone 967118

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente
dos Serviços de Ortopedia das
Universidades de Lausane
e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos
e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

MANUEL DA FEIRA

Manuel de Oliveira M. Ferrelra

Serviço à lista

Almoços e Jantares

Cozinha Regional

Espec. em frango embriagado
e Coelho à Beirão

Rua 26, n.º 625 - ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares

Serviço à lista

Especializado em

Casamentos e Baptizados

Grande variedade de

Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

J. Pinheiro de Moraes

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

VOLTA A PORTUGAL (miniatura)

De há uns anos para cá a maior atracção turística da cidade, na época balnear, tem sido, incontestavelmente, a «Volta a Portugal em Miniatura», este ano totalmente a cargo da fábrica de malhas «Artirene» em colaboração com a C. M. de Turismo, e em moldes muito mais ambiciosos.

Provocando o entusiasmo de dezenas de jovens, vindos de vários cantos do país e até de Espanha, esta competição, dedicada a «mini-ciclistas» envolve certos aspectos que se podem refutar de negativos, ainda que os organizadores não tenham responsabilidades. O causador destes pontos menos brilhantes, menos desportivos é, sem dúvida, o complexo da campeonite, a obsessão da vitória, que leva a exageros de circunstância, impossíveis de ignorar. As preparações de certa maneira violentas para a idade, que os miúdos (num caso ou noutra) poderão estar sujeitos, o fanatismo que levará certos pais a perderem a noção das realidades e a desabarem nos filhos as suas próprias frustrações, insultando-os por não terem ganho a etapa, são factos que podem ocorrer neste caso, mas que não são específicas, generalizam-se, espalham-se por todo o lado, em qualquer situação, em qualquer prática desportiva, por ser uma característica que o maquinismo dominante na sociedade impõe.

Mas vamos parar nestas reflexões, sem dúvida importantes, e resumir rapidamente os factos desta 17.ª «mini-volta», de que foi director Alves Barbosa, ao que parece não agradando a todos.



CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º Eduardo Correia (Travanca), 1h 30 m 16 s; 2.º Manuel Gomes (Travanca), 1-30-34; 3.º José Oliveira (Travanca), 1-30-38; 4.º Armando Dias (Alfena), 1-30-39; 5.º Armindo Terebentino (Labrugeira), 1-30-40; 6.º António Pires (Ucal), 1-30-42; 7.º António Moura (Pasteleira), m. t.; 8.º Carlos Pereira (Labrugeira), 1-30-45; 9.º António Martins (Gulpilhares), 1.º -30-46; 10.º Manuel Punzon (Escola Vigo), 1-30-53, 14 anos (federados) — 1.º José Loureiro (Gulpilhares), 1-31-50. (Não federados) — 1.º António Mendes (Alcatifex), 1-33-07, 15 e 16 anos (federados) — 1.º Eduardo Correia, 1-30-16. (Não federados) — 1.º José Crispim (Alcatifex), 1-32-17.

POR PONTOS — 1.º António Preventino.

PRÉMIO DA MONTANHA — 1.º António Preventino.

METAS VOLANTES — 1.º António Preventino.

POR EQUIPAS — 1.ª Travanca, 4 h 41 m 28 s; 2.ª Gulpilhares 4-32-21; 3.ª Labrugeira, 4-32-28; 4.ª Alfena, 4-34-01; 5.ª Pasteleira, 4-36-58.

NOTÍCIAS



A secção de Andebol dos «tigres» demonstrou na época finda uma grande vontade de renovação, notando-se melhorias salientes na prática da modalidade e nos resultados e classificações obtidos. No seguimento desta tentativa de atingir um nível de qualidade apreciável e de captar novos praticantes, regressaram da Alemanha Federal, mais propriamente da cidade de Friburgo, os atletas António Canelas, Manuel Jorge e Manuel Barbosa, onde frequentaram um curso de treinadores de Andebol.

No que respeita ao Voleibol haverá uma mudança na orientação da equipa principal, já que o seu treinador Carlos Padrão sairá. Para o substituir conta-se com a participação do ex-atleta e jovem técnico Luís Resende, a quem desde já endereçamos o nosso sincero desejo de bom trabalho, conscientes da sua vontade e capacidade.

O quadro de professores de Ginástica está desde já assegurado para a época que em breve começará. Continuarão Jorge Ramiro, Fátima Teixeira e Alberto Rebelo, regressando Maria dos Anjos (Zinita), ficando a classe de senhoras a cargo de Rosa Maria Cleto. À frente da secção, continuará Maria Henriqueta Vitó.

Aceitam-se propostas para exploração, na época 1977/78, dos bufetes, no campo da Avenida. As propostas serão entregues na Secretaria do Clube, bem como informações desejadas, sita na Rua 8 n.º 737 — telefone 921532, até ao dia 20 do corrente mês.

DESPORTO

FUTEBOL DE SALÃO



O futebol é uma modalidade que atrai inúmeros praticantes, mas principalmente muito público, constituindo a forma de desporto mais popular. Contudo os caminhos por onde, normalmente, envereda não permitem uma participação de todos aqueles que, despreocupadamente, sem atender a cifras fabulosas ou a campeonites, apenas desejam praticar um desporto de que gostam. Assim, se poderá justificar, o grande entusiasmo que o futebol de salão tem despertado, levando centenas de indivíduos a agruparem-se em equipas e a participarem em torneios que por todo o lado se organizam.

E, como já é tradicional, o Sporting de Espinho e a Associação Académica voltaram este ano a organizar competições que têm despertado grande participação de improvisados «craques», animados por numerosa assistência. Isto no que diz respeito ao torneio organizado pelos «tigres», já que o da A.A.E. só agora começou.

O primeiro torneio, já na fase final, contou com a participação de 42 equipas, agrupadas em cinco séries, tendo sido apuradas 12 a saber:

Rio Largo F. C.; Pirolão F. C.; Lavandaria a Nova; Passamana-

rias; Catitas Novo Horizonte; Casa Vitó; Falerina Malhas; Câmara Municipal; Solana; R. Monteiro; Casa Angola e Adega Pirolão.

De sublinhar que, em algumas formações, e antes de se iniciar a preparação das equipas profissionais, alinharam em algumas equipas, elementos de nomes sobejamente conhecidos, pertencendo aos referidos clubes. Facto que poderá ter despertado interesse no público presente, mas que retira o aspecto positivo de amadorismo e são convívio de que esta forma de futebol se costuma, ou deve, revestir. Na verdade nomes como Guedes, Jesus, Bené, Vítor, Alemao, Sampaio, Inácio, Boia, Maia, Ribeirinho, Carvalho, Gomes, Malagueta, João Carlos e Meireles (entre outros), alinharam por algumas equipas concorrentes.

No que diz respeito ao torneio da A.A.E., saliente-se o facto de não serem permitidas inscrições de atletas já filiados. Participarão cerca de 400 jogadores, estando as equipas agrupadas em cinco séries, donde se apurarão os três primeiros de cada série, mais uma equipa repescada, seguindo-se uma «poule» eliminatória donde sairá 8 equipas que se agruparão em duas séries, donde sairão os finalistas.

As equipas participantes neste VIII Torneio de Futebol de Salão, são as seguintes:

SÉRIE A

Amadores F. C.; Leões de Silvalde; «Pá Velha»; Os Garraões; G. D. Granja; Casa das Chaves; Banco Espírito Santo e «Bar Zé do Telhado».

SÉRIE B

Solverde; «Cantinho da Ramboia» (A); Esperanças de Silvalde; Café Atlântico; Vic; Águias da Quinta; C. D. R. Espinho e Casa Lemos.

SÉRIE C

Os F'ninhos; C. D. R. Boavista; Café Garcia; Juventus Correo; A. V. Espinho; Bambu; «Fosforeira Portuguesa» e Os Marretas.

SÉRIE D

«Defesa de Espinho», Vedex; Vinhos Macieira; Talho Central; Os Magos; Cerâmica Valadares; Lavandaria a Nova de Espinho e Electrogás.

SÉRIE E

Progado; Os Amigos; «E.L.C.E.»; Jotex; Sachs V-5; Os Metralhas; F. M. Miluce e Cantinho da Ramboia (B).

XADREZ

A secção de Xadrez da AAE realiza actualmente o 1.º Torneio Aberto da Cidade de Espinho (oficial), integrado no calendário de provas que esta secção se propõe levar a cabo durante o mês de Agosto e do qual constam igualmente a realização de 3 Torneios de Rápidas nos dias 14, 20 e 27/8 pelas 15 horas e de um Torneio de Principiantes a disputar nos dias 15, 17, 19, 22 e 24 pelas 15 horas. Estes 2 Torneios terão prémios para os 5 primeiros.

Entretanto, o Torneio Aberto, que conta com a participação dos melhores jogadores nortenhos, começou no dia 3, tendo-se já efectuado três jornadas onde se obtiveram os seguintes resultados:

1.ª JORNADA — J. Coelho (CDUP), 0 — J. Guimarães (CDUP), 1; E. Monteiro (GXP), 1 — F. Reis (AAE), 0; R. Mendes (CDUP), 0 — F. Castro (VFC), 1; B. Passos (GXP), 1 — J. Vilar (VFC), 0; J. Pereira (AAE), 0 — J. Andresen (GXP), 1; João Carvalhas (AAE), 0,5 — Fernando Fernandes (CDUP), 0,5.

2.ª JORNADA — J. Guimarães, 0,5 — J. Tenreiro (CDUP), 0,5; C. Prezado (CDUP), 0 — E. Monteiro, 1; F. Castro, 1 — Loureiro (AAE), 0; J. Andresen, 1 — J. Azevedo (AAE), 0; J. Veríssimo (GXP), 0 — R. Fonseca, 1.

3.ª JORNADA — E. Monteiro, 0 — J. Andresen, 1; R. Fonseca, 0 — B. Passos, 1; A. Loureiro, 0 — J. Guimarães, 1; F. Fernandes, 1 — J. Tenreiro, 0; F. Reis, 1 — J. Veríssimo, 0;

«UM DIA MEMORÁVEL PARA O ERUDITO SR. WU»

O Teatro Popular de Espinho não é uma criação recente. Desde 1974 que dezenas de jovens, então pertencendo à Secção Cultural da Associação Académica, têm vindo a desenvolver uma actividade notória, denunciando uma vontade firme de divulgar o teatro, de tornar acessível esta forma de cultura, de concretizar a qualidade, a eficácia que se ambiciona. Entretanto, quando se pretende fazer cultura, sem floreios, sem a desligar da vida que nos cerca, há vozes que, imediatamente, se levantam, alvoroçadas, aterrorizadas, porque em vez de se falar do amor cándido da ainda mais cándida donzela, da cor das flores ou do cantar dos pássaros tem-se o descaramento de falar da vida, dos defeitos da sociedade que nos oprime. É evidente, pois, que as forças se conjuguem, apoladas numa ou noutra figura de maior sonorância, e por intermédio duma assembleia geral se expulsa mais de meia centena de indivíduos, que através do teatro, da música e de outras actividades, pretendem conhecer a realidade e não deturpá-la.

Mas quando a vontade existe, não serão os defensores «da moral e da ordem estabelecidas», da isenção, da neutralidade parda que não deixa de ser uma vincada posição em favor de algo muito concreto que é a imutabilidade das coisas e dos seres, não serão as vozes do passado que farão parar quem quer construir o futuro.

Assim, o Teatro Popular de Espinho continua o seu trabalho, integrado na cooperativa «Nascente», organismo que já deu provas mais que suficientes da sua capacidade de organização e mobilização. E parte deste esforço está integrado na peça «Um dia memorável para o erudito sr. Wu», que há duas semanas estreou entre nós.

Mas a «Nascente» não só produz no seu seio, como também promove. Daí que na passada sexta-feira, o grupo profissional norte-nho «Seiva Trupe» apresentasse no mesmo local, «Os Cornos de D. Gaitas». Destas realizações o motivo da última página de hoje!

Algumas impressões

A primeira vista, para um espectador inocentemente desarmado de nefandos preconceitos, este espectáculo torna-se agradável, maravilhoso (se nos permittem o termo) no ponto de vista estético, visual. O que se vê agrada, de imediato, à vista! É profundamente belo o jogo coreográfico, movimentação dos actores, cenários simples mas significativos, interpretações convincentes (ainda que, aqui e ali, se notem indecisões que a inexpe-

riência justifica), efeitos de luz e de som como importantes complementos.

«UM DIA MEMORÁVEL PARA O ERUDITO SR. WU»

FICHA TÉCNICA

Sr. Wu — António Paiva (Encenação, Dramaturgia)
Sung / Criado — Rui Costa (Adereços)
Criado — Mário João
Sr. Tsai — Fernando Valadas (Adereços)
Sr. Tsai / Criado — Manuel Loureiro (Adereços / Organização)
Costesãs / Velha sr.^a Chiao — Paula Neves (Adereços), Olga Veloso (Figurinos) e Filomena Rosas (Maquilhagem)
Sr. Chiao — José Bessa (Cenografia, Música, Adereços)
Lao Da — Victor Milheiro (Verbas)
Maria João Freitas (Luz)
Colaboraram ainda: António Capelo, António Freitas, Ema Letra, Jerónimo Cardoso, Laura Gaio, Manuela Freitas e Rosário Freitas.



Poderá parecer exagero, mas para quem viu e, foram muitos, não haverá dúvidas a pôr. Apenas o texto, relacionado com aspectos da China antiga, mas poderá provocar certas reticências. Reticências no que diz respeito à possível receptividade do público a este espectáculo. Mas se nos guiarmos pelo público espinhense, as reacções serão positivas. E positivas porque, se o texto é denso em certos pontos, o essencial, o necessário, sai reforçado com a encenação conseguida.

A história consiste nas atribulações do erudito sr. Wu, intelectual e petulante, que procura sobreviver à custa de meia dúzia

continua na página 6



Falam os próprios intérpretes

O grupo que pôs este espectáculo de pé realizou, como provam os resultados práticos, um trabalho sério, de profundo estudo do texto que lhe foi apresentado, das mais variadas formas de o encenar, de lhe dar vida. Foi um trabalho que terá contribuído, em grande parte, para dar o mínimo de formação que cada actor deve possuir, para o ser na verdadeira acepção do termo. Mas ouçamos as suas próprias impressões.

«Já tinha entrado na «A Excepção e A Regra», mas acho que evolui muito, até porque o ambiente actual era mais propício a

bocado atrapalhada, custou-me ler o texto inicial, mas depois habituei-me, não sabia como o público reagiria, mas acho que foi bestial. Penso continuar a fazer teatro e a trabalhar com fantoches».
(Olga Veloso, estudante)

«Acho que o trabalho ainda pode melhorar, só depois do primeiro espectáculo é que comecei verdadeiramente a gostar de fazer teatro, contudo continuarei, também, no Coro. Uma pessoa desta forma sente-se mais activa, não se passam tardes estúpidas no café a olhar para o balão».

(Paula Neves, estudante)

esta evolução e o trabalho que fizemos foi muito mais profundo, aprendi bastante».

(Victor Milheiro, estudante)

«Foi a primeira vez que apareci no palco e que fiz teatro. O trabalho de preparação enriqueceu-me, aprendi a viver em grupo. No dia da estreia estava um

«Estava no Coro, mas convidaram-me a vir para o teatro, gostei do trabalho de preparação e fiquei. A encenação enriquece o texto, do qual não gosto muito, a peça parecia-me morta, mas o público animou-se e reagiu muito bem».

(Filomena Rosas, estudante)

continua na página 6



PORTE PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 -Bº Moderno-Espinho